Nietzsche & a Educação – Jorge Larrosa

(Belo Horizonte: Autêntica, 2002)

Pedro Gontijo

Se podemos dizer que os escritos de um filósofo tem feito estragos e “milagres” no pensamento ocidental no fim do século XX e neste início de século XXI, este filósofo é Nietzsche. Um destempero e arrogância em ritmo e estilo que não permitem a simples indiferença. Ao mesmo tempo, se queremos ler alguém que tem conseguido não tanto ser um fiel comentador (se é que isto exista), mas muito mais, tem imprimido um estilo de leitura e trabalho a respeito de Nietzsche, temos o professor Jorge Larrosa da Universidade de Barcelona.

Pois bem, um encontro com estas duas seletas figuras é o que encontramos em Nietzsche & a Educação publicado pela Editora Autêntica. Neste texto Jorge Larrosa, numa linguagem poética, num ritmo musical e, as vezes, por que não, numa teatralidade convida o leitor a pensar com ele e com Nietzsche. Pensar com ambos pois como ele mesmo enfatiza, já não interessa tanto o que Nietzsche escreveu, pois isto é apenas objeto da história da filosofia, mas sim o que podemos com Nietzsche ou a partir dele pensar. Este pensar é e será, portanto, não tanto seguir uma disciplina, mas muito mais uma indisciplina.

Larrosa se propõe a fazer uma leitura de algumas “expressões limitadas” ou como indica, três “motivos” (em sentido musical desta palavra) de Nietzsche sob o ponto de vista do pensamento da educação.

O texto é organizado em três partes: No primeiro, a partir de Nietzsche, o autor se propõe a comentar sobre o papel da leitura na educação em nossos

tempos atuais. Entre outras, comenta como a leitura depende de que tipo de pessoa é o leitor, aponta quais qualidades Nietzsche espera deste leitor e enfatiza o estilo deste filósofo como um mestre da leitura que quer leitores que não se acomodem e se lancem em direção ao desconhecido. Apresenta a escrita de Nietzsche como uma escrita que faz dançar e mostra as características desta enquanto postula que o bom leitor é o que possui sentidos afiados e que aprendeu a dançar.

No segundo motivo Larrosa articula uma série de comentários tratando da concepção de formação em Nietzsche, onde mostra como o filósofo destrói as concepções humanistas, historicistas e da cultura de seu tempo. A expressão “como se chega a ser como se é” funciona como provocação inicial e permanente que percorrerá toda esta parte do texto.

No terceiro motivo Larrosa como que apresenta uma história da libertação da liberdade. Num primeiro momento relata a construção do ideal de homem moderno em Kant e depois apresenta as críticas a esta pretensão em Husserl, em Horkheimer e Adorno e, por fim, em Heidegger. Retomando Nietzsche a partir de Zarathustra, especificamente do texto intitulado “As três metamorfoses”, chama a atenção a maestria e leveza de Larrosa ao tratar da terceira metamorfose – a criança, que dá muito que pensar e repensar sobre nossos conhecimentos, nossas práticas e nossas instituições pedagógicas.

O autor ainda apresenta, ao final do livro, como que convidando ao leitor a continuar a conhecer Nietzsche, uma série de sugestões bibliográficas e de páginas na internet relacionadas a este.

O texto certamente proporciona um encontro com Larrosa e Nietzsche, mas não um encontro qualquer. Enxergando um Larrosa que o tempo todo está buscando um discurso meio indisciplinado misturado com dança, com música, com pulsação, com vida, este encontro é exigente e solicita espíritos livres da tal liberdade, capazes de pensar por fábulas, gritar e fazer a vida e a educação como um se lançar rumo ao inesperado, ao desconhecido, ao inseguro, ao prazer.